

BRASIL POESIA

BP Folhetim. Ano 1. nr. 11. 30 abr. 2020



Brasil, um país de poetas



SERGIO JUNIOR

YVERDON-LES-BAINS, SUÍÇA

BP. QUEM É VOCÊ?

Sergio Junior (1979), escritor e analista do comportamento humano. De educação cristã, desenvolvi uma filosofia de vida bastante abrangente.

Alfabetizado pela mãe, dona Dilma, aprendi a ler e a escrever aos 5 anos.

Leitor exímio, estudioso, Bacharel em Teologia. Minha inclinação social me levou a fundar e a pastorear uma igreja na Suíça, em 2012, na cidade de Yverdon. Desde 2014, mantenho uma ação social Moçambique, sustentando famílias, sobretudo crianças.

BP. COMO VOCÊ VÊ A POESIA BRASILEIRA?

Para mim, a poesia brasileira tem características arcadistas e nostálgicas. Nos últimos anos tem se declinado um pouco, mas é sempre impactante..

BP. COMO FOI SEU ENCONTRO COM A POESIA?

Eu me deparei com a literatura desde criança, mas foi no Colégio João Florêncio, que por incentivo de um amigo, comecei a ler e escrever, poesias.

BP. FALE DE SEUS LIVROS/ POEMAS PUBLICADOS?

São 2 livros: “Pano e Pedra” e “Fragmentos de uma mente”. “Pano e Pedra” foi feito para auxiliar pessoas que ficam presas em perdas do passado. É uma história de superação; “Fragmentos de uma mente” é um conjunto de textos e poesia. Já participei em várias antologias também.

BP. JÁ FOI PREMIADO PELA SUA POESIA? QUAL FOI O MAIOR RECONHECIMENTO CULTURAL QUE SUA POESIA JÁ RECEBEU?

Fui ganhador do concurso de Salmos (Boston, 2019).

A BELEZA

BP. COMO VOCÊ GOSTARIA QUE FOSSE A POESIA, NO BRASIL?

Gostaria que houvesse mais incentivos a literatura nas escolas e na mídia.

BP. QUAL É O ESCRITOR E RESPECTIVO LIVRO, QUE FOI SUA BASE POÉTICA?

Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Ziraldo, Jorge Amado, Machado de Assis e Vinicius, com seu “Soneto de fidelidade”.

A beleza é rosto de contorno fino.
É cara de homem, coração de menino.
A beleza atrai, por nada poder atrair.
Por deixar saudades antes de partir.
Ela é calma no meio da tempestade.
Ela faz ser inteiro quem era apenas metade.
É encanto na ausência da formosura.
É propor que no abraço, pode se encontrar a cura.
Está no cheio se esvair,
no diminuir o ritmo para o ninguém conseguir.
É enxergar o que alguns apenas ver.
É sacrificar a vida para alguém viver.
Ela é ausência de querer se impor.
Com um toque um olhar, dissipar a dor.
É no emanar suave do timbre da voz.
Acalmar o oprimido mas curar o algoz.
Beleza nunca foi o que te disseram.
Está tudo na fé daqueles que esperam.

O misterioso sentimento
que faz os olhos verterem saís.
Das almas que anseiam por um pouco de paz.

Longe de curvas, corpo ou cabelo.
Verde amarelo azul ou vermelho.
Pompas, máscaras, imagens ilusórias.
Fracas exposições de pérfidas glórias.

Tudo se sucumbindo, a testemunha é o travesseiro.
Forças esgotadas, pelo desejo de ser o primeiro.
Mas a beleza é a última, é a menor, é a pior.
É a pedra, é a ruga, instrumento de uma corda só.
É silêncio, é o som, é na dor ainda ser bom.
É branco, é negro, é pardo, é marrom.
É um emaranhado que se auto organiza.
É a surpresa da vitória de quem luta e improvisa.

É sentar-se no escuro e sentir a pequenez.
Diante de alguém que,
simplesmente tudo isso fez.
Para que e quando será nossa vez ?
Se hoje, amanhã, ou no próximo mês.

A beleza está dentro do que está lá fora.
Está no prêmio distante que eu queria agora.
Está no agradecer a quem eu nunca vi.
Mas que em todo tempo ao meu lado senti.
Esta no eu entender que o mistério é maior.
Que no nada tem tudo e, que eu só sou pó.
Beleza é o conflito dos anseios meus
Aí fora um homem, aqui dentro só Deus.

SERGIO JUNIOR, 2020.

EXPEDIENTE:

Folhetim Brasil Poesias

Produção: Assis Editora.

Coordenação: Ivone de Assis

Contato: escreveai.ivone@gmail.com

Fone: (34) 3222-6033

Há espaço para anúncios.



“GOSTARIA QUE HOUVESSE MAIS
INCENTIVOS A LITERATURA NAS
ESCOLAS E NA MÍDIA”

A BELA E A FERA OU A FERIDA GRANDE DEMAIS

“[...] Ela espantada: como praticamente não andava na rua — era de carro de porta à porta — chegou a pensar: ele vai me matar? Estava atarantada e perguntou: — Quanto é que se costuma dar?

— O que a pessoa pode dar e quer dar — respondeu o mendigo espantadíssimo. [...]

... Mas alguma coisa que era uma avareza de todo o mundo, perguntou:

— Quinhentos cruzeiros basta? É só o que eu tenho.

O mendigo olhou-a espantado: — Está rindo de mim, moça?

— Eu?? Não estou não, eu tenho mesmo os quinhentos na bolsa...

Abriu-a, tirou-lhe a nota e estendeu-a humildemente ao homem, quase lhe pedindo desculpas. O homem perplexo. E depois rindo, mostrando as gengivas quase vazias:

— Olhe — disse ele —, ou a senhora é muito boa ou não está bem da cabeça... Mas, aceito, não vá dizer depois que roubei, ninguém vai me acreditar. Era melhor me dar trocado.

— Eu não tenho trocado, só tenho essa nota de quinhentos.

O homem pareceu assustar-se, disse qualquer coisa quase incompreensível por causa da má dicção de poucos dentes. Enquanto isso a cabeça dele pensava: comida, comida, comida boa, dinheiro, dinheiro. A cabeça dela era cheia de festas, festas, festas. Festejando o quê? Festejando a ferida alheia? Uma coisa os unia: ambos tinham uma vocação por dinheiro. O mendigo gastava tudo o que tinha, enquanto o marido de Carla, banqueiro, colecionava dinheiro. O ganha-pão era a Bolsa de Valores, e inflação, e lucro. O ganha-pão do mendigo era a redonda ferida aberta. [...]

CLARICE LISPECTOR, 1977



APESAR DA BARBÁRIE

Ademar Inácio da Silva

(Poemas).

